

O demônio do apressamento¹

Piotr Kilanowski²

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este texto foi publicado anteriormente como prefácio do livro de Stefan Grabiński *Demon ruchu: O demônio do movimento*. São José dos Pinhais: Urso, 2021 traduzido por Milena Woitovicz Cardoso e Matheus Moreira Pena. Apresenta-se nele tanto a figura de Stefan Grabiński, autor polonês dos contos de terror do início do séc. XX, quanto as características da sua obra em que os tradicionais fantasmas e vampiros são substituídos pelos seres metafísicos terríveis advindos da tecnologia.

Palavras-chave: Stefan Grabiński. Literatura polonesa. Contos de terror tecnológico.

The demon of haste

Abstract: This text was previously published as an introduction to Stefan Grabiński's book *Demon ruchu: The demon of movement*. São José dos Pinhais: Bear, 2021 translated by Milena Woitovicz Cardoso and Matheus Moreira Pena. It features both the figure of Stefan Grabiński, the Polish author of horror tales from the beginning of the 20th century, as the characteristics of his work in which the traditional ghosts and vampires are replaced by terrifying metaphysical beings arising from technology.

Keywords: Stefan Grabiński. Polish Literature. Tales of Technological Horror.

Stefan Grabiński (1887-1936), o escritor polonês, nascido no Império Austro-húngaro por vezes é chamado de “Poe polonês” ou “Lovecraft polonês”. E, no entanto, é completamente diferente deles. Tanto pelo fato de sua obra ser marcada por aquilo que alguns chamam do “espírito de Galícia”, traços do império multiétnico que queria ser visto como tolerante e esclarecido, quanto pelo fato de não ter criado seu universo mítico como aquele habitado pelos Grandes Antigos como Lovecraft e não ter praticado muito o horror psicológico como o criado pelo Poe. Grabiński, estudioso de magia, demonologia e parapsicologia, embora influenciado por Poe e talvez conhecedor de Lovecraft (segundo algumas fontes, iria ser seu tradutor ao polonês), teve as bases de sua cosmovisão literária nos escritos de Henri Bergson, Friedrich Nietzsche e William James. Podemos observar como a ideia bergsoniana de *élan vital* é repensada nas páginas deste livro. Podemos observar também alguns elementos de parentesco com as releituras de Bergson presentes na obra de um dos maiores poetas poloneses, Bolesław Leśmian.

¹ O texto foi publicado anteriormente como prefácio do livro de Stefan Grabiński *Demon ruchu: O demônio do movimento*. São José dos Pinhais: Urso, 2021. O livro em tradução de Milena Woitovicz Cardoso e Matheus Moreira Pena foi um dos primeiros empreendimentos tradutórios oficialmente conduzidos no espaço do CEPOL (Centro de Estudos Poloneses). Na sequência apresentamos um dos contos do livro.

² Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>

Por mais que Grabiński hoje possa parecer um escritor de uma importância menor, há nomes conhecidos mundialmente entre aqueles que foram inspirados por ele. Observando as descrições poéticas onipresentes na sua obra pensa-se de imediato no mago da palavra da vizinha Drohobycz, Bruno Schulz, e seu mundo marcado com mitologia pessoal, melancolia e elementos oníricos. O lugar onde Grabiński estudou, bem como um dos lugares onde morou ficavam nas cercanias do apartamento onde vivia o menino que devorava seus livros, Stanisław Lem. As longas viagens solitárias de seus personagens em espaçonaves que cruzam as galáxias talvez tenham sido inspiradas nos passageiros de trens de Grabiński. Do mesmo modo, o mundo de Grabiński, onde desperta nas máquinas uma espécie de alma e no qual alta tecnologia é permeada de fantasmas que tomam forma carnal, podem encontrar seus ecos em obras de Lem como *Terminus* ou *Solaris*.

Grabiński não foi devidamente reconhecido em vida, embora houvesse vários que se inspiraram na sua obra, por vezes até literalmente, e sua obra *A amante de Szamota* ter sido adaptada para o cinema, ainda em 1927 (depois da guerra e da redescoberta da sua obra seguiram-se várias outras adaptações, incluindo uma nova ecranização de *Amante de Szamota* em 2017). O filme de 1927 se perdeu nas tempestades da Segunda Guerra Mundial. Sabemos dele que sua estrela foi o galã daqueles tempos, Igo Sym, depois executado pela resistência polonesa por ser colaborador dos nazistas e que o filme seguia os moldes do expressionismo alemão, a vertente do cinema estudada e admirada pelo escritor.

Grabiński trabalhou a vida inteira como professor de polonês na escola de ensino médio, assim como Bruno Schulz, professor de desenho, e assim como ele sofria o complexo de provinciano, sem conseguir lutar para fazer conhecida sua própria obra na capital. Os dois, aliás, eram professores admirados e adorados pelos alunos. Um dos alunos de Grabiński, depois estudioso de literatura, Artur Hutnikiewicz, acabou sendo um dos grandes divulgadores de sua obra ao lado de Stanisław Lem e grande crítico literário polonês Karol Irzykowski que foi amigo do escritor. Os últimos anos de Grabiński foram marcados pela doença que primeiramente forçou sua aposentadoria precoce para depois matá-lo – a tuberculose. Antes da sua morte, recebeu em 1931 o único prêmio literário com que foi agraciado em vida, o prêmio literário de sua amada cidade - Lwów, hoje Lviv na Ucrânia.

Suas obras podem parecer hoje um pouco antiquadas pelo seu estilo rico em descrições por vezes poéticas, por vezes enfadonhas, mas o escritor foi, sem dúvida, sob variadas perspectivas, um visionário que pressentiu vários aspectos psicológicos dos nossos tempos modernos. Há cem anos atrás foi capaz de ver que o demônio do movimento (ou da pressa que “é a alma dos nossos negócios” como disse Chico Buarque no *Sinal fechado*), seria um dos elementos mais importantes da nossa corrida cotidiana. O veículo

associado à pressa e ao movimento demoníaco nesses contos é o trem - algo que parece ter um sabor retrô nos nossos tempos voadores e cheios de adoradores dos demônios do movimento que montam nas motocicletas ou correm nos carros pelas estradas.

Mas Grabiński previu também a chegada de meio de transporte que a nossa época, em vez de chamá-los, como ele, de expressos infernais (o que poderia ser uma bela homenagem ao escritor, os batizou de trens-bala (“A estação estranha”). E denunciou a falta de metafísica que os tempos modernos, científicos e progressistas, trouxeram consigo já na sua época. A nossa época privada da metafísica, no entanto, já quer voltar a acreditar em terra plana, nega evolucionismo e procura sanções metafísicas criando mitos, mas não fica mais pasma perante a velocidade desenfreada, a presença do homem no cosmos ou o fato de que o meio de transporte de longas distâncias mais comum se dá voando.

Assim como domesticamos os anseios relacionados com a velocidade dos veículos que correm sobre os trilhos, que descritos por Grabiński ganham ares misteriosos e terrificantes, estamos domesticando as viagens pelos ares, mas ainda assim continuamos sendo movidos pela incessante pressa e inquietação de estar no lugar diferente daquele no qual no momento nos encontramos. O turismo que era privilégio de poucos, hoje chamados de exploradores, tornou-se lugar comum. As populações sedentárias redescobriram suas raízes nômades e vivem no contínuo movimento de fuga e perseguição que Olga Tokarczuk tentou descrever no seu livro *Os vagantes*. Há cem anos atrás Grabiński já afirmava – somos possuídos pelo demônio do movimento.

O movimento é vida. Seu oposto complementar, a morte, caracteriza-se pela parada, falta de movimento ordenado e, posteriormente, pelo movimento desordenado da decomposição. Podemos observar na prosa de Grabiński como os dois são um, como se transformam um no outro, como o excesso do movimento provoca a morte. O autor mostra como o fascínio pelo movimento se traduz em fascínio pelo oculto, pela morte, chegando a um exemplo de morbidez que une *eros* e *thanatos* em “Engramas do Senhor Szatera”. A morte, um final natural da vida, parece atrair com a força irresistível os fascinados pelo movimento, pelo progresso, os possuídos pelo demônio de movimento.

O demônio do movimento, que, apesar da sua aparência antiquada de um trem, nos seus livros mata seus funcionários e passageiros (como no conto que dá o título ao livro), incita à brutalidade e à excitação sexual, que busca a satisfação imediata, custe o que custar (“Na cabine”), fascina, atemoriza e rege o mundo pelos caminhos misteriosos. O movimento, a essência que, *nomen omen*, movimenta os nossos tempos nômades aparece nos contos de Grabiński visto sob várias perspectivas, tanto misteriosas e místicas, quanto reais. Por mais que graças a esse demônio “mundo é muito grande, porque Terra

é pequena”, como disse Gilberto Gil (*Parabolicamará*) e podemos transitar por ele física e virtualmente, foi o mesmo demônio que junto aos nômades modernos, espalhou o vírus que causou a pandemia que se tornou a realidade de todos e imobilizou o mundo. A bem de verdade, talvez o demônio do movimento seja um dos Cavaleiros do Apocalipse que, por conta da sua pressa, deixou de ser mencionado entre os quatro cavaleiros clássicos, mas sua colaboração com peste, nos obriga a pôr as barbas (e cabeleiras crescidas na quarentena) de molho.

Graças à fascinação pelo movimento chegamos a espaços mais distantes e reconditos. A viagem, obra do nosso espírito nômade, nos tira do cotidiano, suspende a rotina e ajuda a nos reconectarmos por um tempinho com aquilo que somos no fundo, a redescobrirmos a nós mesmos enquanto tentamos descobrir o mundo. Enquanto Marco Polo, Heródoto ou Ryszard Kapuściński nas suas viagens ainda dispunham do tempo para observar, meditar e registrar, os tempos modernos aceleraram o ritmo e, paradoxalmente, salvando o tempo do viajante, tiram dele a possibilidade de aproveitá-lo para transformar o ócio em criatividade. Os trens iniciaram essa revolução de movimento rápido e massivo.

China Mieville escrevendo sobre Grabiński notou que ele era “escritor para quem o terror sobrenatural se manifestava precisamente na modernidade: na eletricidade, estações de bombeiros e trens”³. Na visão de Mieville essa modernidade era inquietante (ou estranha se quisermos usar a tradução mais popular do *Das Unheimliche* freudiano) como a má consciência dos dias de hoje.

Sem dúvida, vemos essa modernidade atormentadora no *Demônio do movimento*. “O maquinista Grot” teve, junto com seu irmão um sonho de infância: criar “uma pipa que, enquanto flutuava livremente nos céus, deveria conquistar a atmosfera, alargar o pensamento humano e transportá-lo para o mundo do além e para o infinito”. Após a trágica e absurda morte de seu irmão nos combates da Primeira Guerra Mundial, que marcou o início da modernidade, o desejo poético de Grot transforma-se em pesadelo de obsessão por velocidade. Podemos pensar que é uma tentativa de fugir do trauma com que a guerra marcou a vida da Europa e do Grot. Podemos também ver a origem das nossas obsessões de contínua fuga do cotidiano, quebrando regras e rotinas, como o fazem os motoristas das autoestradas e o maquinista do conto. Seu nome, aliás (como a maioria dos nomes dos personagens de Grabiński), não é casual e significa “ponta de flecha” ou “dardo”. O símbolo da nossa corrida desenfreada, Grot, assim como os outros personagens (p.ex.: Boroń, Godziemba, Kluczka), fascinados pela velocidade e o ícone da modernidade, a

³ Fez Isso em sua resenha publicada em *The Guardian* em 08.03.2003. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2003/feb/08/featuresreviews.guardianreview20>. Acesso em 03 abr. 2021.

ferrovia, possuídos pela ideia abstrata de um movimento infinito, veloz e perfeito acabam perdendo sua humanidade. A perdem também por se sentirem superiores aos outros, apóstolos e funcionários da ideia do movimento transformado em velocidade. O mesmo acontece com os personagens dominados pela crença em elementos sobrenaturais que rondam as ferrovias. Poderíamos dizer que Grabiński nos apresenta uma galeria de fanáticos de várias espécies. De perceber que o movimento incessante de algum modo representa também a evolução do ser humano há só um passo para lembrar de como os fanáticos das ideias abstratas e utópicas marcaram a história do século XX. Exemplifiquemos: a ideia da evolução social está por trás do totalitarismo comunista, a ideia de evolução nacional é base do totalitarismo nazistas. O demônio do movimento estudado pelo Grabiński nos seus contos seria a força por trás dos dois. A ideia de superioridade própria e inferioridade de outras formas de evolução, a incapacidade de aceitar a alteridade é um dos temas do último conto do livro “A lenda da toupeira do túnel”. O mundo da modernidade mostra nele toda a sua intolerância para com os diferentes. Da mesma maneira no conto “A estação estranha”, o único que acontece no futuro, vemos a clara crítica da civilização europeia preocupada com pressa e materializada até não poder mais. O iogue indiano e aqueles (o poeta e cientista espiritualizado) que percebem a decadência da civilização europeia que perdeu o contato com sua base metafísica são os únicos que conseguem escapar ao fascínio mortal da estação na qual a natureza enterra o trem - sonho de progresso tecnológico banhado na luz fantasmagórica e mortiça.

É impossível evitar nesse momento a reflexão que os trens e as redes ferroviárias, sinônimo de modernidade e civilização, foram também responsáveis por outro tipo de terror diferente daquele que Grabiński tenta descrever. Um pouco mais de cinco anos após sua morte que se deu em novembro de 1936, em março de 1942 da estação Kleparów, situada a menos de um quilômetro do túmulo do escritor em Lwów (Lviv), começaram partir os trens que levaram um terço da sua população rumo a Bełżec, o primeiro campo de extermínio fundado pelos alemães no Governo Geral⁴. Dois anos antes, os trens soviéticos iniciaram a deportação dos poloneses que moravam na cidade ocupada pela URSS para Sibéria e Cazaquistão. Os transportes para os gulagui precederam os transportes para os campos de concentração e do extermínio alemão, mas um vagão de carga poderia ser um perfeito ícone da nossa modernidade desumana.

Embora Grabiński pressentisse o terror sobrenatural relacionado com o transporte ferroviário, não foi capaz de prever que esse instrumento e símbolo da civilização moder-

⁴ Governo Geral – uma unidade administrativo-territorial criada pelo Terceiro Reich numa parte dos territórios poloneses depois da sua invasão da Polónia em 1939, governada pelos nazistas.

na fosse corresponsável por um outro ícone do terror incompreensível e imprevisível: a rampa de trens em Birkenau, o símbolo do campo de Auschwitz.

As linhas ferroviárias possibilitaram trazer as vítimas do Holocausto para os campos e depois levaram para a Alemanha as posses que lhes foram roubadas. Tanto a composição do campo de Birkenau se deu em função de ferroviária, quanto a construção da estação de carga Auschwitz West (cerca de um quilômetro de trilho) que poderia receber os mais longos trens na Europa foram centrais para o projeto. O lugar escolhido pela SS em 1940 para a localização do campo foi influenciado pela presença da rede ferroviária bem organizada que passava perto da cidade das barracas que abrigava trabalhadores e caserna que foi fundada perto da cidade de Oświęcim em 1916, três anos antes da estreia do livro de Grabiński.

O som do trem ecoa nos poemas sobre o Holocausto. Wisława Szymborska em seu poema “Ainda” ouve de noite o seu ribombar “Tá-aqui – tá-qui, bate a roda. Pela floresta sem clareiras/ Tá-aqui – tá-qui. O trem, transporte dos clamores, aligeira. / Tá-aqui – tá-qui. Ainda ouço de noite acordada/ tá-aqui – tá-qui, do silêncio no silêncio a martelada”. Władysław Szlengel, o poeta do gueto de Varsóvia escreve sobre “A pequena estação de Treblinka”: “E às vezes demora quase/ cinco ou seis horas o transporte, / e às vezes a viagem leva/ a vida toda até a morte...”. Jerzy Ficowski descrevendo a “Paisagem póstuma” indo de trem relembra as rotas ferroviárias das férias da infância impossíveis de dissociarem com o posterior genocídio: “Oh faz tempo vagões vagões vagões/ transpassaram para a morte aquela paisagem/ e ela póstuma até hoje perdura impunemente/ não há testemunhas pereceram/ o cadáver da minha infância/ ia entre elas”. Todos esses poemas de algum modo entram em contato com o elemento fantasmagórico prenunciado por Grabiński, apenas o terror por eles refletido é baseado na realidade. O demônio de movimento tão interessado em correr e se desenvolver, tão presunçoso da sua soberania civilizatória implantou a ideia da conquista do espaço vital e da superioridade daqueles que tinham posse de técnicas mais avançadas, entre elas as técnicas de matar mais rapidamente. Por aí vemos, que ele existia também no tempo quando as caravelas aportaram nas costas da América do Sul e que, de fato, é uma característica de toda a experiência humana e que talvez os nossos tempos apenas viram uma nova face sua. E talvez seja justamente essa universalidade que faz com que as novelas de Grabiński apesar de seus ares por vezes obsoletos, continuem atuais nos nossos tempos nos quais reina supremo o demônio do movimento.

Como tradutor e professor da tradução não posso aqui me furtar de notar a excelência do trabalho dos tradutores. A linguagem de Grabiński não é nada fácil: frases longas, cheias de arcaizações, neologismos e regionalismos, escritas na redondeza de um dialeto que basicamente deixou de existir com o fato de que a cidade de Lwów foi ocupada pelos soviéticos e depois passou a fazer parte da Ucrânia. O trabalho de fazer pesquisa de sentidos, às vezes ter que adivinhá-los, reinventar a sintaxe para que o leitor pudesse atravessar a escrita de Grabiński sem ter a impressão de estar andando num trem de carga puxado a dez quilômetros por hora pela maria-fumaça, o trabalho de abrasileirar o texto de Grabiński sem que ele perdesse sua originalidade, foi executado muito bem. Por mais que cada um dos tradutores tenha suas próprias estratégias (e elas diferem!) de verter o texto, os dois fizeram um trabalho excelente. As tarefas desafiantes de manter a riqueza do estilo e de recriar as tentativas do autor de produzir as descrições longas, cheias de uma atmosfera particular, por vezes um pouco enfadonhas, por vezes bem poéticas foram executadas de modo primoroso.

Se acrescentarmos que se trata de uma estreia tradutória em formato impresso, maiores devem ser os reconhecimentos do trabalho de Matheus Moreira Pena e Milena Woitovicz Cardoso. Como tive o privilégio de observar seus esforços e os frutos deles mais de perto, devo reconhecer também o fantástico espírito de colaboração e apoio mútuo que permitiu que o leitor receba o trabalho de melhor qualidade possível e que promete muito no futuro.

Cabe notar também que graças à dedicação e à pesquisa dos tradutores e da editora Lua Bueno Cyriaco, o leitor brasileiro pode contar com a versão mais completa do livro que durante a vida do seu autor foi apenas planejada. A maioria das edições não inclui todos os contos. A edição de 1919 era composta pelos contos: “O maquinista Grot”, “O trem errante”, “O demônio de movimento”, “Smoluch”, “O eterno passageiro”, “Na cabine”, “Sinais”, “O desvio morto”, “Ultima Thule”. Na edição de 1922 os contos “Área deserta”, “Alarme falso”, “A estação estranha” passaram a integrar o livro. Na terceira edição, que nunca chegou a cabo, o autor planejava incluir os contos “Engramas do senhor Szatera” e “A lenda da toupeira do túnel” publicados nas revistas em 1926.

REFERÊNCIA

KILANOWSKI, Piotr. O demônio do apressamento. In: GRABIŃSKI, Stefan. *Demon ruchy: o demônio do movimento*. São José dos Pinhais: Urso, 2021. p. 7-15.